

## COESÃO REFERENCIAL E PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM HISTÓRIAS DA LITERATURA INFANTIL

Everaldo Lima de ARAÚJO (Universidade Federal de Uberlândia – PG)

**RESUMO:** o presente artigo visa a discutir como a coesão referencial pode auxiliar no processo de leitura de textos literários infantis, mais precisamente naqueles que se destinam a leitores iniciantes. Para isso, tomamos como suporte teórico estudos que tratam da coesão referencial (KOCH, 1988 e 1989). A abordagem a esse tipo de coesão se dá a partir de dois grandes mecanismos: coesão referencial por substituição e coesão referencial por reiteração. Tomamos como corpus desta pesquisa, 50 (cinquenta) histórias da moderna literatura infantil brasileira, do tipo mencionado. Essas histórias se caracterizam por trazerem textos curtos, jogo ilustrativo e predominância narrativa. Quanto à metodologia, o presente estudo faz uso de material bibliográfico de obras teórico-críticas da Linguística e da Teoria Literária, apoiando-se em pesquisas quantitativas e qualitativas. Após análise, pudemos perceber que determinados recursos coesivos se sobressaem na constituição dessas histórias, auxiliando na produção de sentidos das mesmas e agindo de forma facilitadora na compreensão leitora.

**PALAVRAS-CHAVES:** Histórias da literatura infantil. Coesão referencial. Produção de sentidos.

### 1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo observar como se organizam histórias infantis contemporâneas da literatura brasileira, a partir de seu funcionamento textual, tendo por base a coesão referencial, verificando a relação dos mecanismos e recursos coesivos enquanto agentes facilitadores da compreensão textual (produzindo a coerência), tendo em vista o leitor iniciante, que consideramos o leitor em potencial dessa categoria de texto. Dessa forma, o TEXTO literário infantil será o enfoque da presente pesquisa. Tomamos também a postura defendida por Koch e Travaglia (2002) e Travaglia (2002), para quem texto é

uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente da sua extensão. (KOCH e TRAVAGLIA, 2002, p. 8 / TRAVAGLIA, 2002, p. 67).

Refletimos sobre essa definição de texto, apoiando-nos simplesmente na questão da interação comunicativa e na capacidade de produção de sentido. Esses aspectos apontados, comuns ao texto, parecem-nos essenciais para este trabalho.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 50 (cinquenta) histórias do chamado universo da literatura infantil. Esse universo abrange textos variados, que se organizam atendendo a certas características que lhe são peculiares. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa expõem que todo texto se organiza “sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero” (BRASIL, 1998, p. 23). Esperamos que essa escolha quantitativa possa significar uma amostra importante, que dê suporte aos dados e resultados obtidos, como sendo característicos do tipo de histórias escolhidas. Destacamos que buscamos coletar histórias infantis de editoras e autores variados, no intuito de propormos uma amostra diversificada para a análise que realizamos. Nessa escolha de autores, buscamos constituir o *corpus* a partir de nomes consagrados da literatura infantil brasileira junto a outros não tão conhecidos, não consagrados, mas que circulam em grande quantidade em nossa sociedade.

Convém destacarmos que as histórias infantis que compõem o *corpus* foram assinaladas com letra(s) e número(s), obedecendo a ordem alfabética da bibliografia de *corpus*, conforme estabelece a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), seguida da ordem numérica crescente. Como exemplo, citamos: a história infantil intitulada “Girassóis”, de Caio Fernando Abreu, que foi a primeira a se apresentar na bibliografia de *corpus*. Assim, a mesma foi assinalada pelo código T<sub>01</sub>. As demais histórias que se seguem nessa bibliografia também terão o código com a sequência numérica: T<sub>01</sub>, T<sub>02</sub>, T<sub>03</sub>, T<sub>04</sub>, T<sub>05</sub>... T<sub>50</sub>. Ao tomarmos essa postura, utilizando esses códigos, o fazemos no intuito de, sempre que referirmos a algum exemplo das obras que compõem o *corpus* da pesquisa, faremos a referência pelo código. Para saber detalhes de qual obra determinado código se refere, o leitor poderá consultar a bibliografia de *corpus* ao final deste trabalho.

Quanto à metodologia, a presente pesquisa faz uso de material bibliográfico de obras teórico-críticas da Linguística, principalmente da Linguística Textual e da Teoria Literária, principalmente da Literatura Infantil, apoiando-se em pesquisas quantitativas e qualitativas.

No tocante à análise, realizamos uma análise quantitativa e qualitativa, observando o número de ocorrências e frequência dos elementos da coesão referencial e tipos de progressão temática. Entendemos por ocorrência o aparecimento de determinado fenômeno que estamos analisando, em certo(s) texto(s). Quanto à questão da frequência, propomos entendê-la como sendo o percentual com que determinado fenômeno ocorreu, seja em determinado texto ou em um conjunto de textos. Para tanto, os dados obtidos estão organizados em tabelas e gráficos, nos quais poderão ser observados registros como:

a) distribuição dos tipos de mecanismos de coesão referencial (substituição e reiteração);

a<sup>1</sup>) distribuição dos recursos da coesão referencial por substituição (pró-forma pronominal, pró-forma verbal, pró-forma adverbial, pró-forma quantitativa e elipse);

a<sup>2</sup>) distribuição dos recursos da coesão referencial por reiteração (expressão nominal definida, nominalização, expressão sinônima ou quase sinônima, nome genérico, hiperônimo ou indicador de classe, repetição do item lexical e forma referencial que categoriza).

## 2 Constituição das histórias infantis modernas: a coesão referencial

A partir das proposições teóricas de Koch (1988 e 1989) que tratam da questão da coesão referencial, apropriamos da combinação dos pressupostos dessa teoria para que pudéssemos estabelecer um quadro que abrangesse mecanismos e recursos desse tipo de coesão. Essa proposta nos parece pertinente pelo fato de que

há certos itens da língua que têm a função de estabelecer referência, isto é, não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação. A referência constitui um primeiro grau de abstração: o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que vive. (FÁVERO, 2003, p. 18).

Assim, acreditamos ser pertinente a distribuição dos elementos de coesão referencial em duas grandes categorias, ou seja, dois mecanismos: coesão referencial por substituição e coesão referencial por reiteração. Esses mecanismos podem nos possibilitar verificar como se dá a forma de utilizar a referência como um meio de estabelecermos sentidos para o texto, à medida que o mesmo progride e se desenvolve.

Ao analisarmos os recursos da coesão referencial nas histórias infantis temáticas, percebemos que o uso de tais recursos é bastante frequente, o que demonstra a tabela seguinte:

TABELA 01

Distribuição dos tipos de mecanismo de coesão referencial em histórias infantis modernas para leitores iniciantes

MECANISMOS DE COESÃO REFERENCIAL				
<i>Total Geral = 2428</i>				
<b><i>SUBSTITUIÇÃO</i></b>			<b><i>REITERAÇÃO</i></b>	
	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência
<i>Total</i>	<i>1627</i>	<i>67%</i>	<i>801</i>	<i>33%</i>

Percebemos que o mecanismo de coesão referencial por substituição sobressaiu de forma significativa em relação ao mecanismo de coesão referencial por reiteração. Quanto aos tipos de mecanismo de coesão referencial, apontamos um total de 2428 casos, dos quais 67% se referem à coesão referencial por substituição, o que dá em números, 1627 ocorrências. Os demais casos, 33%, equivalente a 801 ocorrências, dizem respeito ao mecanismo de coesão referencial por reiteração. Ao sobressair o mecanismo de coesão referencial por substituição, isso se deve ao fato de que, ao ocorrer a substituição de um elemento, sendo retomado ou precedido por uma pró-forma, essa substituição se justifica por ser essa pró-forma um “elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz marcas do que substitui”. (FÁVERO, 2003, p. 19). Dessa forma, a grande ocorrência desse recurso é um elemento, a priori, facilitador para a compreensão textual das histórias infantis, pois o processo de referir se dá a um mesmo elemento do universo do texto, de forma pontual e repetida. Isto se torna relevante ao levarmos em consideração o leitor pretendido dessa categoria textual - o leitor iniciante, pois tem-se um mundo textual simples, com poucos referentes. Quanto ao fato de o mecanismo de coesão referencial por reiteração ter sido minoria nas histórias infantis analisadas, pudemos perceber que, apesar de a repetição de expressões no texto se dar buscando a mesma referência, ocorre que, frequentemente, essa busca dos elementos para a referência nem sempre acontece sem problemas, salvo o caso do recurso da repetição do mesmo item lexical, que não cria grau maior de dificuldades no processo de interpretabilidade textual. Assim, em contrapartida, os demais recursos desse mecanismo, parecem-nos, por vezes, dificultar o estabelecimento da referência. Daí, a frequência menor desse mecanismo. Como exemplo, temos:

(01) Há muitos e muitos anos, vivia numa distante aldeia um casal de pastores e o seu filho Gil.

.....  
As ovelhas eram muito dóceis e não davam trabalho para Gil.  
Somente a ovelha Branquinha é que obrigava *o pastor* a ter mais cuidado.

Analisando o exemplo (01), notamos que o processo de retomada apoia-se no conhecimento de mundo do leitor, bem como de uma atenção desse leitor ao início da história, para que se estabeleça uma relação entre a expressão nominal definida *o pastor* e o referente Gil, no que diz respeito à retomada. Ignorados esses detalhes pode não ser tão simples a ativação do referente.

Tomemos a seguinte tabela que melhor detalhará a presença dos mecanismos da coesão referencial por substituição e por reiteração, bem como os respectivos recursos de cada mecanismo.

TABELA 02

Mecanismos e recursos de coesão referencial em histórias infantis modernas para leitores iniciantes

MECA- NISMOS	RECURSOS	Nº de ocorrências	Frequência	Total de recursos em cada mecanismo	Total geral de recursos
COESÃO REFE- RENCIAL POR SUBSTI- TUICÃO	Pró-forma pronominal	590	24,30%	1627	2428
	Pró-forma verbal	02	0,08%	67%	
	Pró-forma adverbial	32	1,32%		
	Pró-forma Quantitativa	10	0,41%		
	Elipse	993	40,90%		
COESÃO REFE- RENCIAL POR REITERA- ÇÃO	Expressão Nominal Definida	94	3,87%	801	
	Nominalização	02	0,08%		
	Expressão sinônima ou quase sinônima	09	0,37%		
	Nome genérico	03	0,12%		
	Hiperônimo ou indicador de classe	12	0,49%		
	Repetição do item lexical	658	27,10%		
	Forma referencial que categoriza	23	0,95%		
				33%	

Ao levarmos em conta a TABELA 02, podemos levantar algumas questões a partir dos números apresentados. Apresentamos a recorrência dos recursos dos dois mecanismos, procurando compreender o seu funcionamento enquanto elementos coesivos facilitadores ou não no processo de interpretação da categoria de texto em estudo.

## 2.1 Coesão referencial por substituição

### A. Pró-forma pronominal

Esse tipo de pró-forma representa o terceiro caso de recurso mais frequente nas histórias infantis analisadas, dentre aqueles que mais se sobressaíram. Esse recurso pode permitir retomar um elemento pontual já apresentado no texto, ou seja, um objeto-de-discurso, sem proporcionar ao leitor o estabelecimento de dificuldade no processo de interpretabilidade textual. Isso acontece porque a pró-forma pronominal realiza-se, textualmente, através dos pronomes pessoais de 3ª pessoa ou pronomes substantivos, sendo que essas categorias fazem remissão a um ou mais constituintes do universo do texto. Daí o seu caráter facilitador no processo de leitura por parte da criança.

Percebemos que a recorrência da pró-forma pronominal se dá de várias formas, que pretendemos evidenciar a seguir:

**a) Remissão por pronome pessoal do caso reto:** ainda que isoladamente o pronome pessoal seja destituído de significado, não apresentando uma identidade, esse tipo de pró-forma pronominal é caso que apresenta menos problema ao se buscar o referente, retomar o objeto-

de-discurso do texto, pois esse tipo de pronome não possibilita fazer referência a nenhum referente que não seja ao objeto-de-discurso tido como referente no texto. Isso facilita a constância desse referente, fazendo com que o leitor o mantenha facilmente em foco. Na verdade, seu uso frequente se dá quando há a presença, em determinada história, de apenas um referente, retomando-o através de seus traços ligados ao gênero e/ou ao número. Daí, a facilidade de produzir sentidos, de estabelecer a referência ao utilizá-lo. Tomemos o exemplo seguinte:

(02) Era uma vez, uma formiguinha chamada Ritinha, que mora em cima da geladeira.

Quando fazia calor, *ela* se mudava para perto do congelador.

Quando estava muito frio, *ela* corria para perto do motor. (T<sub>42</sub>)

**b) Remissão por pronome pessoal do caso oblíquo:** o uso desse pronome enquanto uma pró-forma pronominal não causa dificuldades em se estabelecer a referência, visto que ele se liga às pessoas do discurso, fazendo com que o leitor estabeleça a relação com a pessoa discursiva sem comprometimento ou dificuldade para a interpretabilidade textual. Além do mais, quando a história possui um tema comum que é recorrente ao longo da história, o uso desse pronome ainda se faz de maneira mais simples, no que diz respeito ao processo de interpretação quanto ao estabelecimento de referência. Vejamos, como exemplo, o seguinte caso:

(03) Era tanta a tristeza das flores que um duende que passava por perto, resolveu ajudá-*las*: (T<sub>32</sub>)

**c) Remissão por pronome possessivo:** esse pronome, ao ser utilizado para fazer referência a um referente explicitado textualmente, normalmente vem acompanhado de um nome que estabelece uma ligação com o referente, numa relação de posse. Assim, por si só, ele não produz sentido na coesão textual. Ele só retoma um referente quando faz parte de um sintagma nominal (SN), particularizando o núcleo desse sintagma e relacionando-o com o referente. Vejamos o exemplo:

(04) O Malaquias ri e não responde, volta pra casa, fabrica vassouras, faz sopas tantas pras *|suas patroas|*, as bruxas ruins que talvez sejam boas! Espirra atchim com *|seu nariz pimental|*, chora em cebolas, o que o atormenta, volta a sorrir com hortelã e menta... (T<sub>29</sub>)

**d) Remissão por pronome relativo:** ao verificarmos a frequência desse tipo de pronome, percebemos que seu uso estabelece relação de fácil entendimento, por tratar-se de uma relação com o seu próprio antecedente. Assim, a proximidade da pró-forma pronominal com essa característica em relação ao seu referente, não propicia dificuldade de interpretação. Como exemplo, temos:

(05) E descendo chegou tão pertinho que se misturou com as asas da imaginação da menina *que* gostava de inventar desenhos com as nuvens. (T<sub>40</sub>)

**e) Remissão por pronome indefinido:** esse tipo de pronome, apesar de possuir uma aparente “vagueza”, destituído de uma exatidão, com frequência propicia ao leitor estabelecer a referência retomando um referente sem impedimentos interpretativos. A referência se dá utilizando-se de uma relação com referente que é assimilado de forma simples. Vejamos o exemplo seguinte, que justifica essa colocação:

(06) A bicharada se diverte com Lelé.  
*Todos* dizem:

- Eta jacaré Lelé! Ele é mesmo lelé da cuca... (T<sub>22</sub>)

**f) Remissão por pronome demonstrativo:** percebemos que o uso desse tipo de pronome exerce uma função importante, no sentido de auxiliar na referência, fazendo-a de forma tranquila, de fácil percepção por parte do leitor iniciante. O curioso é que essa referência tem ocorrido nas histórias infantis de forma tanto anafórica quanto catafórica. Ressaltamos, ainda, que a substituição que se utiliza desse tipo de pronome, tem a função de localizador textual, apontando para determinada parte do texto, auxiliando a leitura e a compreensão da mesma. Vejamos os exemplos:

(07) As pernas de trás, maiores que as da frente, eram para *isto* mesmo: serviam de mola para pular. (T<sub>11</sub>)

A pró-forma pronominal *isto* (07) remete para algo que vai ser exposto textualmente, sendo, portanto, uma catáfora.

(08) Valentina tinha um grande defeito. Mesmo, não estando com fome, ela adorava perseguir os animais, só pra assustá-los e deixá-los com medo de serem devorados.

Valentina divertia às custas dos outros animais que eram menores que ela e se achava invencível. Dava altas gargalhadas e falava bem alto para todos os animais escutarem:

- Ah! Ah! Ah! Faço *isso* é para vocês verem que quem manda aqui sou eu e em breve serei a rainha da floresta. (T<sub>36</sub>)

A pró-forma pronominal *isso* (08) faz referência a toda uma situação explicitada anteriormente no texto, uma ação realizada pelo personagem (perseguir, assustar e amedrontar os outros animais).

**g) Remissão por pronome interrogativo:** esse tipo de pronome nas histórias infantis analisadas exerce a função de buscar a identificação de um referente sob a forma de uma pergunta, seja direta ou indiretamente. Para o leitor que tem consciência das circunstâncias enunciativas na constituição do texto, tal referência é tranquila, não produzindo dificuldades na produção de sentidos. Exemplificando, temos:

(09) Joca deu uma freada, desviando-se dos bichinhos que olharam assustados. Desceu na floresta. Mas ninguém o reconheceu.

- *Quem* é você? - perguntou o leão.

- Você está engraçado! - falou a tartaruga.

- Sou o Joca, o coelhinho do arco-íris. (T<sub>06</sub>)

## B. Pró-forma verbal

O uso desse recurso se deu de forma restrita em nossa análise. Isso se deve ao fato de ser um procedimento pouco comum no português, conforme já vimos. E em se tratando de verificá-lo em uma categoria textual que tem como leitor em potencial, a criança, tida como um leitor iniciante, é justificável a quase inexistência desse recurso nas histórias infantis em enfoque. Assim, verificamos dois exemplos nas histórias, com o verbo **FAZER**, sendo um seguido da palavra *assim* e outro da expressão *o mesmo*. Exemplo:

(10) A partir deste dia, Juju era a primeira estrelinha a acender a sua lanterna.

Juju compreendeu que, *fazendo assim*, as noites ficariam muito mais claras e bonitas. (T<sub>37</sub>)



O que podemos perceber, pelos exemplos e por tudo que já foi dito sobre esse tipo de pró-forma, é que esse recurso implica uma construção referencial em que se busca toda uma situação. Como, por vezes, tal uso requer uma elaboração mais acurada, no que diz respeito ao processo de referir-se, fica, assim, justificado o baixo índice da pró-forma verbal.

### C. Pró-forma adverbial

Notamos que a utilização desse tipo de pró-forma possui uma função localizadora para o enunciador ou para o leitor do texto, fazendo referência a algum lugar, modo ou tempo. Vejamos alguns exemplos que justificam o exposto:

#### a) *Pró-forma adverbial - relacionada ao LUGAR*

- (11) O gigante acordou e começou a perseguir o menino.  
Ele já estava quase alcançando-o quando apareceu um anão que o chamou:  
– Depressa, entre nesta caverna! **Aqui** o gigante não conseguirá achá-lo.  
Gil e Branquinha ficaram **ali** até o gigante se afastar. (T<sub>38</sub>)

As pró-formas adverbiais utilizadas nesse exemplo facilitam a interpretação, pois agem como reforço na localização do referente, além de enfatizá-lo. Como se trata de um texto para criança, faz parte da própria expressividade que o texto traz; quando lido o texto, isso se torna mais evidente. Outro detalhe, é que o **AQUI** se refere a algo que está sempre próximo do locutor, no caso esta caverna. Quanto ao **ALI**, esta pró-forma refere-se sempre a algo que está longe do locutor. Daí o fator enfático desse recurso como elemento importante e facilitador na localização do referente textual.

- (12) E Popó foge correndo, correndo daquele lugar, pois se Popó **ali** ficasse, comida de sapo iria virar. (T<sub>05</sub>)

A pró-forma adverbial apresentada em destaque nesse exemplo faz menção ao local onde a personagem Popó (o besouro) se encontra, local esse determinado anteriormente, se retomarmos a história. **Ali** é, portanto, uma pró-forma adverbial que indica *lugar*.

#### b) *Pró-forma adverbial - relacionada ao MODO*

- (13) Ele tinha as patas e as unhas sujas, e também tinha chulé.  
Melinho entendeu que **assim** não dava pra ficar.  
Cheirando mal **assim**, ninguém do seu lado vai estar. (T<sub>33</sub>)

Observamos que a pró-forma adverbial destacada nesse exemplo faz referência à maneira, ao estado da personagem Melinho. Assim, essa pró-forma possui como característica apresentar um *modo*.

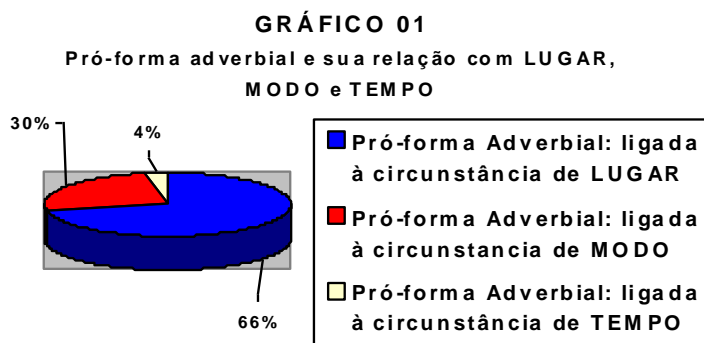
#### c) *Pró-forma adverbial - relacionada ao TEMPO*

- (14) Esse pequeno incidente fez com que Lidia refletisse muito sobre o acontecido: se ela sentia medo do desconhecido, também havia quem tinha medo dela própria. E a partir de **então** deixou de ser medrosa. (T<sub>02</sub>)

A pró-forma adverbial destacada refere-se a um dado momento em que a personagem Lidia passa a mudar de comportamento: perde o medo. Essa mudança de atitude de Lídia é fruto de uma reflexão que concluímos por meio do período sublinhado acima. Essa pró-forma, portanto, estabelece uma relação de *tempo*, levando em conta o fato narrado

sublinhado. Percebemos que a utilização desse tipo de pró-forma na coesão referencial apresenta um processo complexo de coesão referencial, visto que para este processo se realizar há a necessidade de construir o referente a partir da ação expressa pela personagem Lídia no primeiro período do exemplo (período sublinhado): a reflexão, que provocou a mudança no seu comportamento. Daí o baixo registro da pró-forma adverbial ligada à relação de tempo, visto o leitor alvo da categoria de texto em que esse exemplo se realizou.

Diante do apresentado e principalmente levando-se em conta a TABELA 02, verificamos que foi apontada a presença de 32 (trinta e dois) casos de pró-forma adverbial nas histórias infantis em análise. Ao levarmos em consideração que essa pró-forma estabelece uma circunstância de *lugar*, *modo* ou *tempo*, notamos que as pró-formas ligadas ao *lugar* perfizeram um total de 23 (vinte e três) ocorrências, o que dá uma frequência de 71,88%. Quanto à ligada ao *modo*, registramos 08 (oito) casos, o que representa 25%. Já a pró-forma adverbial ligada ao *tempo* ocorreu somente 01 (uma) vez, representando 3,12%. Assim, dando ênfase a esses dados, que se realizaram nas histórias infantis analisadas, temos o seguinte gráfico:



#### D. Pró-forma quantitativa

Tivemos 10 (dez) ocorrências de pró-forma quantitativa nas histórias infantis em análise. Normalmente, esse recurso não oferece dificuldade interpretativa para o leitor proceder a referência, pois ela se utiliza de numerais, sejam cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários. Acreditamos que os dois últimos tipos de numerais possam causar dificuldade para se estabelecer a referência, se levarmos em consideração o leitor iniciante, leitor em potencial das histórias analisadas. Contudo, do universo encontrado de pró-forma quantitativa, 100% são referentes ao numeral cardinal. Para nós, esse tipo de numeral, quando utilizado como pró-forma, é o que acarreta menos dificuldade para localizar o referente. Percebemos, também, que esse tipo de pró-forma, na maioria dos casos, busca remeter a personagens, no intuito de agrupá-los, ao apresentá-los novamente, de uma forma conjunta. Exemplificando, temos:

(15) Ela, que se chamava Ciça, também perdeu a vergonha e gostou muito de Caco. Os dois construíram juntos um burquinho um pouco maior, onde vivem até hoje. (T<sub>28</sub>)

#### E. Elipse

Esse recurso de coesão referencial foi o que se apresentou como o caso mais frequente dentre todos os 12 (doze) recursos de coesão referencial observados na análise das histórias infantis. Detectamos a presença de 993 (novecentas e noventa e três) ocorrências



desse recurso, o que aponta para uma frequência de 40,9% dos recursos que foram elencados nesta pesquisa. A expressividade numérica desse elemento de coesão pode causar estranheza, a princípio, se levarmos em consideração que a elipse é um tipo de substituição por zero, o que poderia dificultar a realização da referência por parte do pequeno leitor. Contudo, percebemos que, como se trata de histórias infantis, normalmente, nessa categoria textual, apresenta um tema que é facilmente recuperado pela elipse, por termos evidente sua referência ao longo da história. Aliás, é preciso lembrar que, na língua, a elipse sempre se faz quando é muito fácil estabelecer a referência sem qualquer perigo de ambiguidade. Portanto, sem diminuir a facilidade de interpretar/compreender o texto, ou seja, sem prejuízo da legibilidade deste. Notamos que, o uso desse recurso é mais frequente naquelas histórias mais curtas e/ou que possuam frases curtas. A partir do momento que a história se alonga, sua incidência tende a diminuir. Da mesma forma, quando determinada história apresenta várias personagens, há uma tendência de restringir o uso da elipse, evitando o surgimento da ambiguidade, da falta de referência apropriada.

Um detalhe importante a ser apontado sobre a elipse é que ela “consiste na omissão de um item lexical recuperável pelo contexto, ou seja, a substituição por zero (Ø). Pode ocorrer elipse de elementos nominais, verbais e, mesmo, de orações.” (FÁVERO; KOCH, 2002, p. 40). A seguir explicitamos essas variações quanto aos tipos de elipse, apresentando exemplos:

#### a) *Elipse de elementos nominais:*

- (16) Malu ia muito ao sítio de Zito, (Ø) tomava melado, (Ø) bebia na bica, (Ø) subia com Zito no alto da copa. (T<sub>16</sub>)  
[Ø = Malu]

#### b) *Elipse de elementos verbais:*

- (17) A girafa Gigi adora viajar.  
Com seu pescoço comprido,  
Vai a qualquer lugar.  
Vê o jacaré na lagoa,  
E (Ø) a preguiça à-toa.  
Vê a abelha no ar,  
E (Ø) a zebra a galopar. (T<sub>14</sub>)  
[Ø = vê]

#### c) *Elipse oracional (da oração inteira ou de parte dela):*

- (18) - Por que você está tremendo?  
- (Ø) Frio! [Eu estou tremendo por causa do frio.] (T<sub>03</sub>)  
[Ø = Eu estou tremendo porque está fazendo frio.]

Pudemos notar, a partir do *corpus* analisado, que a elipse de elementos nominais predominou de forma significativa, em relação aos demais tipos de elipse, ainda que não tenhamos feito um levantamento exato desses dados. Tal colocação se justifica pela dificuldade de se encontrar exemplos para os dois tipos de elipse seguintes, principalmente no que se refere à elipse oracional. O uso da elipse de elementos nominais facilita, certamente, o processo de retomada do referente, em comparação aos demais tipos. Daí, a sua manifestação em maior frequência.

Para melhor detalharmos todos os recursos da coesão referencial por substituição, a partir da análise das 50 (cinquenta) histórias infantis propostas para esta pesquisa,

apresentamos, a seguir, uma tabela contemplando apenas os recursos de coesão, no intuito de verificarmos, de forma mais acurada, a manifestação desses recursos.

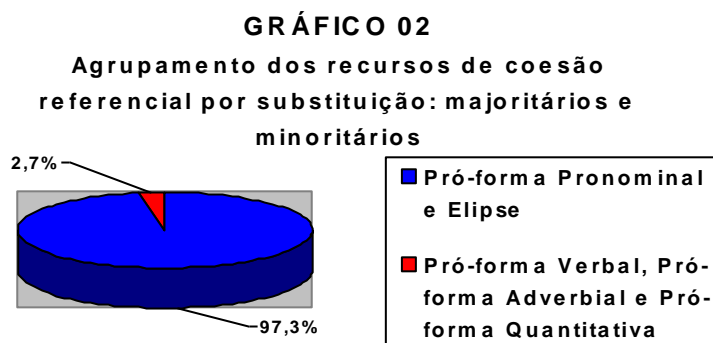
TABELA 03

Distribuição dos tipos de coesão referencial por substituição em histórias infantis modernas para leitores iniciantes

	RECURSOS										
	<i>Pró-forma pronominal</i>		<i>Pró-forma verbal</i>		<i>Pró-forma adverbial</i>		<i>Pró-forma quantitativa</i>		<i>Elipse</i>		TOTAL
	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências
T <sub>01</sub>	18	47,37%	-	0%	-	0%	01	2,63%	19	50%	38
T <sub>02</sub>	13	41,94%	-	0%	01	3,22%	-	0%	17	54,84%	31
T <sub>03</sub>	14	32,56%	-	0%	-	0%	-	0%	29	67,44%	43
T <sub>04</sub>	13	23,64%	-	0%	-	0%	-	0%	42	76,36%	55
T <sub>05</sub>	07	21,88%	-	0%	03	9,37%	-	0%	22	68,75%	32
T <sub>06</sub>	19	41,30%	-	0%	04	8,70%	-	0%	23	50%	46
T <sub>07</sub>	01	7,14%	-	0%	-	0%	-	0%	13	92,86%	14
T <sub>08</sub>	06	30%	-	0%	-	0%	-	0%	14	70%	20
T <sub>09</sub>	06	50%	-	0%	-	0%	-	0%	06	50%	12
T <sub>10</sub>	12	33,33%	-	0%	02	5,56%	-	0%	22	61,11%	36
T <sub>11</sub>	38	39,18%	-	0%	-	0%	-	0%	59	60,82%	97
T <sub>12</sub>	11	52,38%	-	0%	-	0%	-	0%	10	47,62%	21
T <sub>13</sub>	04	23,53%	-	0%	-	0%	-	0%	13	76,47%	17
T <sub>14</sub>	03	21,43%	-	0%	-	0%	-	0%	11	78,57%	14
T <sub>15</sub>	02	18,18%	-	0%	-	0%	-	0%	09	81,82%	11
T <sub>16</sub>	01	8,33%	-	0%	-	0%	-	0%	11	91,67%	12
T <sub>17</sub>	08	38,10%	-	0%	-	0%	01	4,76%	12	57,14%	21
T <sub>18</sub>	08	33,33%	-	0%	-	0%	-	0%	16	66,67%	24
T <sub>19</sub>	16	59,26%	-	0%	-	0%	-	0%	11	40,74%	27
T <sub>20</sub>	08	38,10%	01	4,76%	-	0%	-	0%	12	57,14%	21
T <sub>21</sub>	01	16,67%	-	0%	-	0%	-	0%	05	83,33%	06
T <sub>22</sub>	09	47,37%	-	0%	-	0%	-	0%	10	52,63%	19
T <sub>23</sub>	05	35,71%	-	0%	-	0%	-	0%	09	64,29%	14
T <sub>24</sub>	05	26,32%	-	0%	-	0%	-	0%	14	73,68%	19
T <sub>25</sub>	09	40,91%	-	0%	-	0%	-	0%	13	59,09%	22
T <sub>26</sub>	04	50%	-	0%	-	0%	-	0%	04	50%	08
T <sub>27</sub>	23	47,92%	-	0%	-	0%	-	0%	25	52,08%	48
T <sub>28</sub>	17	51,51%	-	0%	01	3,03%	01	3,03%	14	42,42%	33
T <sub>29</sub>	23	38,33%	-	0%	-	0%	-	0%	37	61,67%	60
T <sub>30</sub>	25	44,64%	-	0%	01	1,79%	02	3,57%	28	50%	56
T <sub>31</sub>	08	66,67%	-	0%	-	0%	-	0%	04	33,33%	12
T <sub>32</sub>	06	46,15%	-	0%	-	0%	-	0%	07	53,85%	13
T <sub>33</sub>	03	25%	-	0%	02	16,67%	-	0%	07	58,33%	12

T <sub>34</sub>	02	33,33%	-	0%	-	0%	-	0%	04	66,67%	<b>06</b>
T <sub>35</sub>	55	32,35%	-	0%	04	2,35%	-	0%	111	65,30%	<b>170</b>
T <sub>36</sub>	44	58,67%	-	0%	-	0%	-	0%	31	41,33%	<b>75</b>
T <sub>37</sub>	09	56,25%	01	6,25%	-	0%	-	0%	06	37,50%	<b>16</b>
T <sub>38</sub>	17	39,53%	-	0%	03	6,98%	-	0%	23	53,49%	<b>43</b>
T <sub>39</sub>	05	31,25%	-	0%	-	0%	-	0%	11	68,75%	<b>16</b>
T <sub>40</sub>	03	16,67%	-	0%	03	16,67%	-	0%	12	66,66%	<b>18</b>
T <sub>41</sub>	11	18,33%	-	0%	04	6,67%	05	8,33%	40	66,67%	<b>60</b>
T <sub>42</sub>	10	38,46%	-	0%	-	0%	-	0%	16	61,54%	<b>26</b>
T <sub>43</sub>	06	66,67%	-	0%	-	0%	-	0%	03	33,33%	<b>09</b>
T <sub>44</sub>	08	30,77%	-	0%	01	3,85%	-	0%	17	65,38%	<b>26</b>
T <sub>45</sub>	11	44%	-	0%	02	8%	-	0%	12	48%	<b>25</b>
T <sub>46</sub>	05	35,71%	-	0%	-	0%	-	0%	09	64,29%	<b>14</b>
T <sub>47</sub>	17	24,28%	-	0%	01	1,43%	-	0%	52	74,29%	<b>70</b>
T <sub>48</sub>	05	22,73%	-	0%	-	0%	-	0%	17	77,27%	<b>22</b>
T <sub>49</sub>	21	24,42%	-	0%	-	0%	-	0%	65	75,58%	<b>86</b>
T <sub>50</sub>	15	48,39%	-	0%	-	0%	-	0%	16	51,61%	<b>31</b>
<b>TOTAL FINAL</b>	<b>590</b>	<b>36,26%</b>	<b>02</b>	<b>0,12%</b>	<b>32</b>	<b>1,97%</b>	<b>10</b>	<b>0,61%</b>	<b>993</b>	<b>61,03%</b>	<b>1627</b>

A partir dessa tabela, podemos perceber que os dois recursos mais recorrentes da coesão referencial por substituição foram a pró-forma pronominal e a elipse. Juntos, esses dois recursos de coesão referencial por substituição representam um total de 1583 (um mil, quinhentos e oitenta e três) ocorrências nas histórias analisadas, marcando uma frequência de 97,3%. Diante desse dado, os três recursos restantes (pró-forma verbal, adverbial e quantitativa) representam somente 44 (quarenta e quatro) casos de ocorrências, dando um percentual de 2,7%. Assim, podemos representar os dados a partir do seguinte gráfico:



Essa quantificação se torna importante, ao levarmos em consideração que tanto a pró-forma pronominal quanto a elipse, a partir das considerações e exemplificações arroladas nesta análise, propiciam um processo de retomada, de busca do referente, de (re)construção do objeto-de-discurso de forma mais tranquila, mais simples, não representando dificuldade para a interpretação textual. O que não podemos dizer acerca dos recursos minoritários. Conforme expusemos, em determinadas circunstâncias, esses três recursos podem causar um pouco de dificuldade na construção de sentidos, isso, é claro, ao compararmos com os recursos majoritários quantitativamente. Assim, acreditamos que, pelas razões apontadas,

possamos justificar a presença quase totalitária da pró-forma pronominal e da elipse em todas as histórias infantis temáticas analisadas, fato que não ocorreu com nenhum outro recurso.

## 2.2 Coesão referencial por reiteração

### A. Expressão nominal definida

Esse recurso parte do princípio da necessidade de ativação do conhecimento de mundo do leitor, extrapolando o conhecimento puramente linguístico. Dessa forma, notamos que a realização desse recurso se deu em várias ocasiões, mas considerando as condições enunciativas que farão com que o pequeno leitor relacione essa expressão a um referente do universo textual. Percebemos ainda que o uso desse recurso, mesmo que tenha apresentado um número significativo de ocorrências - 94 (noventa e quatro) - 3,87% dos recursos da coesão referencial, geralmente se deu de forma que o leitor iniciante possa associar, ao já apresentado, os atributos contidos nesse recurso, bem como o princípio de conhecimento que se espera que esse leitor tenha (19). Em ocasiões especiais, pudemos verificar que o uso de expressões nominais definidas pode dificultar a interpretabilidade textual, fato gerado pelo não processamento da referência (20). Vejamos o exemplo:

- (19) Juliana é mesmo uma graça.  
Jura que já é crescida.  
Será que ninguém percebe?  
- Eu não sou mais criança!  
- Não preciso de ajuda!  
Tudo bem, tudo certo, tá legal, mas quem vai acreditar...  
Se volta e meia, já dentro do pijama, deixa o quarto...  
- Me dá mais um beijo!  
- Tá escuro!  
- A minha cama é apertada!  
- Tem um jacaré na janela!  
Não é engraçado que, nessa hora...  
*A menina* que tanto cresce, desaparece? (T<sub>09</sub>)

Ao tomarmos o leitor em potencial desse texto, podemos notar que a criança perceberá que, pela sua própria experiência enquanto criança, todos os atributos que se ligam à Juliana são comuns à faixa etária infantil. Assim, o leitor infantil reconhece essa situação narrativa pela sua própria identificação com os fatos apresentados. Dessa forma, no final do texto, ao se apresentar a expressão nominal definida *a menina*, retomando o nome Juliana, apresentado no início do texto, percebemos que esse processo de referência, dadas as considerações feitas, não proporciona dificuldades de interpretação por parte do leitor.

- (20) Esse pequeno incidente fez com que Lídia refletisse muito sobre *o acontecido*: se ela sentia medo do desconhecido, também havia quem tinha medo dela própria. (T<sub>02</sub>)

Nesse exemplo, para que o processo de remissão se dê de forma satisfatória, terá que se observar dois fatores: 1º) o referente não se encontra de forma pontual no texto que antecede essa expressão nominal; 2º) a referenciação se dá por meio da ideia expressa por toda uma ação ocorrida anteriormente e que aparece em todo o trecho anterior do texto. Diante desses fatores e ao levarmos em consideração o leitor criança, podemos dizer que o processo de buscar a referência através de uma expressão nominal definida pode mostrar-se como uma forma que não garante o processo de interpretabilidade por parte desse leitor. Na

verdade, o processo de interpretabilidade pode ocorrer, o que não quer dizer que ocorra de forma sempre tranquila.

### B. Nominalização

O recurso da nominalização pode apresentar-se como um processo de remissão que pode gerar dificuldade por parte do leitor infantil. Por se tratar da transformação de um verbo e de argumento(s) em um nome, acreditamos que esse processo nem sempre seja tranquilo para ser interpretado. Apesar da necessidade de se estabelecer a relação do conhecimento da essência da ideia contida no argumento expresso na ação tida como referente ao elemento de retomada, o fato de o termo nominal que realiza o processo de referenciação possuir lexema igual (ou parecido) ao do verbo nominalizado, pode ser fator determinante para estabelecer a interpretabilidade, pois a criança leva em consideração essa semelhança, a aproximação entre esses dois elementos: o referente e o elemento remissivo. No *corpus* analisado, registramos a ocorrência de 02 (dois) casos somente. Isso, de certa forma, pode confirmar o que acabamos de expor. Como se trata de obras literárias destinadas à criança, a fuga do uso frequente desse recurso se faz preferível, no intuito de não se correr o risco de produzir um texto com dificuldade para ser entendido. Vejamos o caso extraídos do *corpus* em análise, que justifica o que acabamos de expor:

- (21) Chorou, chorou, mas seu **choro** manso não conseguiu acordar a libélula Chispa-Foguinho que dormia cansada da festa. (T<sub>35</sub>)

### C. Expressão sinônima ou quase sinônima

Ativar um referente a partir de uma palavra lexicalmente diferente, porém com o significado parecido, é um recurso bastante utilizado em toda área do saber. Dessa maneira, ao escrevermos ou lermos não o fazemos utilizando uma mesma forma, ainda que haja repetição de escolhas lexicais. O problema maior, contudo, é que, como não existem palavras e/ou expressões sinônimas, com significação igual, procura-se buscar expressões que se aproximem do desejado. Assim, ao fazermos uso da expressão sinônima ou quase sinônima, observamos, pela análise realizada, que nem sempre é tranquilo o processo de referência, visto que o leitor pode não ter certeza da palavra ou expressão que retoma através desse recurso, que pode fazer parte de um campo significativamente desconhecido para o leitor, ou mesmo, dependente do conhecimento de mundo e linguístico, que nem sempre o leitor iniciante, leitor em potencial da categoria textual em análise, possui. Acreditamos que esse recurso, pelo analisado, pode ser de fácil processamento na (re)tomada de determinado referente, ao passo que também pode dificultá-lo. O fator determinante é o conhecimento de mundo e lexical que o leitor deve ou não possuir. Vejamos o exemplo seguinte:

- (22) – Sou o gênio da floresta, protetor dos animais desta **selva**. (T<sub>36</sub>)

### D. Nome genérico

Ao referirmos a algo pontual no texto por meio de um nome genérico, o fazemos a partir de um termo que não alcança um conceito preciso quanto à questão da significação, visto que o nome genérico é vazio de significação, ou seja, é esvaziado de valor lexical. Daí, termos observado que esse recurso está sempre ligado a alguma explicação. Tal postura é perfeitamente compreensível, pois o leitor iniciante, ao deparar com um nome destituído de significação, como os nomes genéricos, carecem de detalhes que possibilitarão melhor entendimento da referência, preenchendo o vazio de significado desse nome. Observamos, a partir disso, que foi registrada baixa ocorrência desse recurso - 03 (três) -, o que creditamos às explicações expostas. O caso a seguir exemplifica o uso desse recurso:

- (23) Para se divertir, João Albatroz imaginava figuras nas espumas das ondas. *Coisas* que ele se lembrava de ter visto nas cidades por onde passava em seus longos vôos: árvores, crianças brincando, roda-gigante, casas, animais... (T<sub>48</sub>)

Levando-se em consideração a história em questão (23), o nome genérico *coisas* faz remissão tanto a figuras, quanto ao trecho que vem exposto na sequência: árvores, crianças brincando, roda-gigante, casas, animais....

### E. Hiperônimo ou indicador de classe

Classificar elementos que compõem o mundo nem sempre parece algo tranquilo. A relação hierárquica de um elemento ou ser em relação a outro a partir de protótipos, não nos parece tão simples, quando se trata de utilizar esse recurso em textos destinados à criança. Isso pode justificar a pouca ocorrência do hiperônimo ou indicador de classe nas histórias analisadas, visto que registramos 12 (doze) casos desse recurso. Na realidade, o processo de retomada de um referente via expressão hiperônima, poderia ser julgado algo simples. No entanto, a super-ordenação de classes pode vir a confundir o leitor ao estabelecer referência no universo textual, uma vez que esse leitor pode passar a procurar um outro referente que se aproxima desse recurso, ou mesmo fazer dele um novo referente, causando, assim, confusão e, por vezes, dificultando a interpretabilidade do texto. Todo esse problema de interpretabilidade pode se dar pela falta de conhecimento de mundo e lexical, pois sendo um ser-em-formação, tanto o conhecimento da realidade, o saber enciclopédico quanto a aquisição vocabular, são questões em franca aprendizagem do leitor iniciante. Tomemos o seguinte exemplo:

- (24) Em um bosque vivia feliz uma família de lindas margaridas.  
Ao sair de sua toca o urso reparou na beleza das *flores*. (T<sub>32</sub>)

### F. Repetição do item lexical

Percebemos, ao analisar as histórias, a ocorrência de alto índice de uso desse recurso. Esse dado numérico sobre a utilização do mesmo item lexical para fazer a retomada de determinado referente é relevante, pois tal recurso exerce uma função de orientação e assegura esse referente no processo de construção do objeto-de-discurso nas histórias infantis analisadas. Além do mais, a repetição do item lexical faz com que o texto se aproxime da linguagem oral e da produção textual do leitor tido como alvo dessa categoria de texto, visto que a criança também se utiliza muito desse recurso, seja oralmente ou por escrito. Exemplifiquemos com o seguinte caso:

- (25) Popó, um besouro esperto,  
nascera naquele verão  
era preto e engraçadinho...  
gostava de voar e andar pelo chão.  
*Popó* tinha chifres na testa  
e era muito brigão  
brigava *Popó* por comida  
brigava até sem razão. (T<sub>05</sub>)

Convém ressaltarmos ainda que a retomada por um mesmo item lexical apresenta uma particularidade. Ao proceder o processo de referenciação, percebemos que o elemento de retomada se dá não somente repetindo o item lexical (daí a condição para se mostrar como



uma retomada que não gera dificuldades na interpretação textual) como também traz, comumente, um determinante auxiliando esse item lexical que se repete, formando um SN. Notamos que esse determinante exerce uma função importante nesse processo, visto que quando há a utilização desse recurso, o item lexical que se repete costuma vir com novos atributos que orientam e enriquecem o trabalho de leitura.

### G. Forma referencial que categoriza

Percebemos que esse recurso foi utilizado em ocasiões importantes, pois, ao categorizar determinada forma referencial, o fazia exercendo funções significativas para o processo de legibilidade do texto. Foram detectadas 23 (vinte e três) ocorrências desse recurso, perfazendo uma frequência de 0,95% do universo dos elementos de coesão referencial por reiteração. Notamos que esse recurso apresenta, frequentemente, a ideia de dimensão ou função no texto. Ao fazer referência à ideia de dimensão, esse recurso aponta para direções que podem ter a função básica de dar continuidade ao texto ou exprimir argumentos. O primeiro caso (continuidade) utiliza-se desse recurso como forma de dar sequência à narrativa (Ex.: 26). Quanto ao segundo caso (argumentativo), ao passo que explicita a noção de continuidade, expressa também um argumento (Ex.: 27). A forma referencial que categoriza, ao ligar-se à ideia de função, exerce uma postura de propor revelações, esclarecimentos, direcionamento da narrativa ou classificação. Diante de tudo isso, no entanto, tal recurso pode, por vezes, trazer dificuldade na compreensão, se levarmos em consideração o fato de ele expor uma sequência informacional que pode não ser entendida pelo leitor, como sendo o referente desse recurso. Sendo assim, analisemos os exemplos seguintes:

(26) Juvenal tinha **um problema**, coitado: vivia todo escalavrado. (T<sub>50</sub>)

(27) Em um belo bosque, vivia uma coelhinha muito bonita e muita trabalhadeira também. A sua casa era **um brinco**: bem arrumada que fazia gosto. (T<sub>02</sub>)

Detalhando os dados apresentados relativos à coesão referencial por reiteração, apresentamos, a seguir, uma tabela que contempla a análise quantitativa dos recursos desse mecanismo, levando-se em consideração o *corpus* analisado.

**TABELA 04**

Distribuição dos tipos de coesão referencial por reiteração em histórias infantis modernas para leitores iniciantes

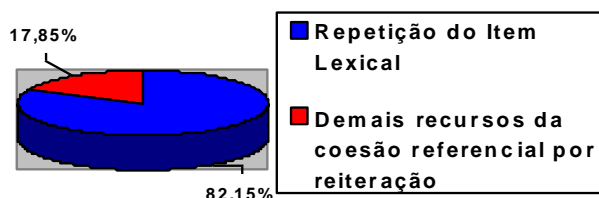
	RECURSOS														
	<i>Expressão Nominal Definida</i>		<i>Nominalização</i>		<i>Expressão Sinônima ou Quase Sinônima</i>		<i>Nome Genérico</i>		<i>Hiperônimo ou Indicador de Classe</i>		<i>Repetição do Item Lexical</i>		<i>Forma Referencial que Categoriza</i>		<i>TOTAL</i>
	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	Nº de ocorrências	Frequência	
T <sub>01</sub>	03	33,33%	-	0%	-	0%	-	0%	02	22,22%	03	33,33%	01	11,11	<b>09</b>
T <sub>02</sub>	03	25%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	05	41,67%	04	33,33	<b>12</b>

T <sub>03</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	39	95,12%	02	4,88%	<b>41</b>
T <sub>04</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	11	100%	-	0%	<b>11</b>
T <sub>05</sub>	01	6,67%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	14	93,33%	-	0%	<b>15</b>
T <sub>06</sub>	06	21,48%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	20	71,43%	02	7,14%	<b>28</b>
T <sub>07</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	06	100%	-	0%	<b>06</b>
T <sub>08</sub>	04	40%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	06	60%	-	0%	<b>10</b>
T <sub>09</sub>	01	100%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	<b>01</b>
T <sub>10</sub>	01	3,57%	-	0%	01	3,57%	-	0%	01	3,57%	24	85,71%	01	3,57%	<b>28</b>
T <sub>11</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	01	33,33%	02	66,67%	-	0%	<b>03</b>
T <sub>12</sub>	01	5%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	18	90%	01	5%	<b>20</b>
T <sub>13</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	09	100%	-	0%	<b>09</b>
T <sub>14</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	01	100%	-	0%	<b>01</b>
T <sub>15</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	01	100%	-	0%	<b>01</b>
T <sub>16</sub>	01	10%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	09	90%	-	0%	<b>10</b>
T <sub>17</sub>	05	38,46%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	08	61,54%	-	0%	<b>13</b>
T <sub>18</sub>	01	11,11%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	08	88,89%	-	0%	<b>09</b>
T <sub>19</sub>	01	7,14%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	13	92,86%	-	0%	<b>14</b>
T <sub>20</sub>	02	22,22%	-	0%	-	0%	-	0%	02	22,22%	04	44,44%	01	11,11	<b>09</b>
T <sub>21</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	13	100%	-	0%	<b>13</b>
T <sub>22</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	01	12,50	-	0%	07	87,50%	-	0%	<b>08</b>
T <sub>23</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	23	100%	-	0%	<b>23</b>
T <sub>24</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	16	100%	-	0%	<b>16</b>
T <sub>25</sub>	01	7,69%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	12	92,31%	-	0%	<b>13</b>
T <sub>26</sub>	02	66,67%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	01	33,33%	-	0%	<b>03</b>
T <sub>27</sub>	06	16,22%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	31	83,78%	-	0%	<b>37</b>
T <sub>28</sub>	01	14,29%	-	0%	-	0%	-	0%	01	14,29%	05	71,43%	-	0%	<b>07</b>
T <sub>29</sub>	01	9,33%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	10	83,33%	01	8,33%	<b>12</b>
T <sub>30</sub>	02	11,11%	-	0%	01	5,56%	-	0%	-	0%	15	83,33%	-	0%	<b>18</b>
T <sub>31</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	03	100%	-	0%	<b>03</b>
T <sub>32</sub>	-	0%	-	0%	01	9,09%	-	0%	04	36,36%	06	54,55%	-	0%	<b>11</b>
T <sub>33</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	01	50%	01	50%	<b>02</b>
T <sub>34</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	06	100%	-	0%	<b>06</b>
T <sub>35</sub>	12	19,04%	01	1,59%	01	1,59%	-	0%	-	0%	46	73,02%	03	4,76%	<b>63</b>
T <sub>36</sub>	03	9,09%	-	0%	02	6,06%	-	0%	-	0%	26	78,79%	02	6,06%	<b>33</b>
T <sub>37</sub>	01	10%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	09	90%	-	0%	<b>10</b>
T <sub>38</sub>	07	21,21%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	26	78,79%	-	0%	<b>33</b>
T <sub>39</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	02	100%	-	0%	<b>02</b>
T <sub>40</sub>	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	<b>-</b>
T <sub>41</sub>	03	9,09%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	30	90,9%1	-	0%	<b>33</b>
T <sub>42</sub>	07	24,10%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	21	72,41%	01	7,45%	<b>29</b>
T <sub>43</sub>	04	57,14%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	03	42,86%	-	0%	<b>07</b>
T <sub>44</sub>	01	7,14%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	12	85,71%	01	7,14%	<b>14</b>
T <sub>45</sub>	01	5,26%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	17	89,47%	01	5,26%	<b>19</b>
T <sub>46</sub>	02	25%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	06	75%	-	0%	<b>08</b>
T <sub>47</sub>	02	5,55%	-	0%	01	2,78%	-	0%	-	0%	33	91,67%	-	0%	<b>36</b>
T <sub>48</sub>	02	8,33%	-	0%	02	8,33%	01	4,17%	01	4,17%	18	75%	-	0%	<b>24</b>
T <sub>49</sub>	04	9,30%	01	2,33%	-	0%	01	2,33%	-	0%	37	86,05%	-	0%	<b>43</b>
T <sub>50</sub>	02	8%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	22	88%	01	4%	<b>25</b>
<b>TOTAL FINAL</b>	<b>94</b>	<b>11,74%</b>	<b>02</b>	<b>0,25%</b>	<b>09</b>	<b>1,12%</b>	<b>03</b>	<b>0,37%</b>	<b>12</b>	<b>1,50%</b>	<b>658</b>	<b>82,15%</b>	<b>23</b>	<b>2,87%</b>	<b>801</b>

A partir da TABELA 04, verificamos que, pelos dados quantitativos desse mecanismo (coesão referencial por reiteração), envolvendo seus recursos, foram menos recorrentes, se compararmos com os recursos da coesão referencial por substituição. A única exceção diz respeito à repetição do item lexical. Analisemos o seguinte gráfico, que evidencia melhor os resultados relevantes:

### GRÁFICO 03

Comparação quantitativa entre o recurso da repetição do item lexical e os demais recursos da coesão referencial por reiteração



Justificamos esses dados (GRÁFICO 03) partindo da ideia de que, exceto o recurso da repetição do item lexical, os demais exigem, por vezes, que se proceda a um processamento por meio de associações com o conhecimento de mundo, que vão, por vezes, além do texto onde o fenômeno acontece. Como se trata de histórias infantis, esses dados ganham relevância. Daí a causa desse mecanismo ser menos recorrente do que o analisado no item anterior - coesão referencial por substituição.

### 3 Considerações finais

A questão da leitura e da escrita tem sido uma questão central não só no processo educativo, mas também na forma de intervenção social por parte do ser humano. Estudos têm comprovado que estudantes brasileiros têm-se mostrado como uma não referência em termos de competência quanto à leitura e à escrita.

Verificamos que os textos literários produzidos preferencialmente para um leitor em formação (iniciante) apresentam como características básicas, de um modo geral, mecanismos e recursos ligados à coesão referencial simples e específicos, no intuito de adequar-se ao nível de competência linguística desse leitor.

Observamos, quanto à coesão referencial, que a pró-forma pronominal, a elipse e a repetição do item lexical se sobressaíram substancialmente enquanto recursos mais recorrentes nas histórias analisadas. Isso ocorre porque esses recursos apresentam pouca dificuldade na interpretação do texto, conforme expusemos na análise. Mesmo a elipse, já mostramos os casos em que ela se deu e sua função facilitadora na legibilidade textual.

Assim, concluímos que os elementos em enfoque na análise das histórias infantis modernas apresentam elementos de constituição simples nessas histórias, além de serem importantes e facilitadores na recepção e compreensão dos textos por parte do leitor potencial dessa categoria de texto - o leitor iniciante. Dessa forma, acreditamos que esses textos, que circulam largamente em nossa sociedade, especialmente em ambientes escolares e familiares, possam estar contribuindo na formação desse leitor, no tocante à prática de leitura.

### Referências

**BRASIL.** Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998. (5ª a 8ª séries).  
**FÁVERO, Leonor Lopes.** *Coesão e coerência textuais*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2003.  
**FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça.** *Linguística textual: introdução*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Principais mecanismos de coesão textual em português. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos n. 15**. Campinas, IEL/UNICAMP – julho/dezembro. 1988, p. 73-80.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

### **Bibliografia de corpus**

T<sub>01</sub> ABREU, Caio Fernando. (1997). **Girassóis**. 3 ed. São Paulo: Global, 1998. 16 p. Ilustração Paulo Portella Filho. (Coleção Vida Nova).

T<sub>02</sub> A COELHINHA medrosa. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Villa Rica, s/d. 8 p. (Coleção Era Uma Vez... - volume 6).

T<sub>03</sub> ALMEIDA, Fernanda Lopes de. (1980). **A margarida friorenta**. 21 ed. São Paulo: Ática, 1998. 32 p. Ilustração Lila Figueiredo. (Coleção Passa Anel).

T<sub>04</sub> ALMEIDA, Hilda Maria Ferreira de. (1981). **O gato voador**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 24 p.

T<sub>05</sub> ARAÚJO, Naiara Mattar de. **O besouro Popó**. s/l: Ciranda Cultural, s/d. 16 p. Ilustração Grillo. (Coleção Fantasia dos Insetos).

T<sub>06</sub> ARAÚJO, Neire de Sousa. **O coelhinho diferente**. Divinópolis, MG: Editora Nova República, s/d. 12 p. Ilustração Osvaldo Corrêa Nogueira. (Coleção Natureza - volume 11).

T<sub>07</sub> BARBOSA, Nair de Medeiros. **Na mata**. 2 ed. São Paulo: FTD, 1986. 16 p. Ilustração Emília Sasaki. (Coleção Primeiras Histórias - Série Acalanto).

T<sub>08</sub> BELLI, Roberto. **Pinguim**. s/l: BrasiLeitura, s/d. 10 p. Ilustração Belli Studio. (Coleção Bichos Amigos).

T<sub>09</sub> BRAZ, Júlio Emílio. (1994). **Juliana**. Curitiba: Arco-Íris, 1994. 12 p. Ilustração Sérgio Burgarelli. (Coleção Meninos & Meninas).

T<sub>10</sub> CÂNTARA, Sérgio J. **O bicho-da-seda**. Erechim, RS: EDELBRA, s/d. 16 p. (Coleção Evolução da Vida).

T<sub>11</sub> CARVALHO, André. (1986). **Dourado**. 3 ed. Belo Horizonte: Lê, 1991. 16 p. Ilustração Angela Lago. (Coleção Pinta o Sete).

T<sub>12</sub> CHINDLER, Daniela. **De olho no escuro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1989. 22 p. Ilustração Bob Vann.

- T<sub>13</sub> CISALPINHO, Murilo. (1996). **Anacleto, um sujeito quase completo**. São Paulo: Scipione, 1996. 24 p. Ilustração Zeflávio Teixeira. (Coleção Rabiola).
- T<sub>14</sub> COELHO, Santuza Abras Pinto. (1985). **Gigi**. Belo Horizonte: Lê. 1985. 12 p. Ilustração Marcelo Moreira.
- T<sub>15</sub> COELHO, Santuza Abras Pinto. **Maria sabe-tudo**. 8 ed. Belo Horizonte: Lê. 1992. 12 p. Ilustração Ana Raquel. (Coleção Tererê).
- T<sub>16</sub> CONDINI, Paulo; ALBANO, Maria Alice. (1989). **Zito sapeca**. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993. 16 p. Ilustração Rogério Borges. (Série Degraus).
- T<sub>17</sub> COSTA, Sandra Diniz. (1997). **Puff, o dragão mágico**. Uberlândia, MG: Editora e Distribuidora de Livros do Triângulo, 1997. 18 p. Ilustração Wladimir Eustáquio de Souza Barbosa. (Coleção Tempero - volume 10).
- T<sub>18</sub> FRANÇA, Mary; FRANÇA, Eliardo. (1986). **O jabuti**. São Paulo: Ática, 1986. 16 p. (Série Corre Cutia).
- T<sub>19</sub> FRANÇA, Mary; FRANÇA, Eliardo. **A galinha choca**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993. 13 p. (Coleção Gato e Rato).
- T<sub>20</sub> GARCIA, Osório. **Ferramenta fere**. Belo Horizonte: FAPI, s/d. 8 p. (Coleção Aprendendo a se Cuidar).
- T<sub>21</sub> GÓES, Lúcia Pimentel. (1986). **A peteca sapeca**. São Paulo: Editora do Brasil, 1986. 16 p. Desenhos de Naomy Kuroda. (Coleção Escadinha - Série Um Degrau).
- T<sub>22</sub> GONTIJO, Solange Avelar Fonseca. **Lelé - o jacaré maluco**. 3 ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1993. 12 p. Ilustração Denise e Fernando.
- T<sub>23</sub> GONTIJO, Solange Avelar Fonseca. (1984). **As macaquices do Neco**. Belo Horizonte: Miguilim, 1984. 12 p. Ilustração Agnes Moraes Pereira Carvalhaes. (Coleção Lele).
- T<sub>24</sub> JORGE, Carlos. (1995). **Um gato, um sapato, um rato e um novelo**. Curitiba: Arco-Íris, 1995. 16 p. (Coleção Papo de Bicho).
- T<sub>25</sub> JUNQUEIRA, Sônia. (1984). **O caracol viajante**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985. 24 p. Ilustração Michele. (Coleção Estrelinha II).
- T<sub>26</sub> LAGO, Angela. **Casa de pouca conversa**. 5 ed. Belo Horizonte: RHJ, 1993. 24 p. (Coleção Folclore de Casa).
- T<sub>27</sub> LINS, Graça. (1995). **Ozybil engole letras**. Recife: Bagaço, 1995. 24 p. Ilustração Lúcio Oliveira.
- T<sub>28</sub> MELLO, Daniela. **Caco, o caranguejo**. s/l: Vale das Letras, s/d. 10 p. (Coleção No Fundo do Mar).

- T<sub>29</sub> ORTHOF, Sílvia. (1995). **Malaquias**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1995. 24 p. Ilustração Tato.
- T<sub>30</sub> ORTHOF, Sylvia. (1994). **Que raio de história!** 4 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. 16 p. Ilustração Mariana Massarani.
- T<sub>31</sub> ORTÊNCIO, Nancy. (1988). **Aninha, a muriçoca**. Belo Horizonte: RHJ, 1988. 12 p. Ilustração Ferruccio Verdolin Filho. (Coleção Guri).
- T<sub>32</sub> O URSO e as flores. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, s/d. 8 p. (Coleção Bichos & Fantasias).
- T<sub>33</sub> PABST, Marcel Luiz; AMORIM, Patrícia; HECK, Sandra Regina. **Melinho**. Blumenau, SC: Edições Sabida, s/d. 10 p. Ilustração Solange J. Passos Reetz. (Coleção Baby Dinos).
- T<sub>34</sub> PAULA, Luiz Gouvêa de. (1989). **A piabanha**. 3 ed. São Paulo: FTD, 1994. Ilustração Ciza Fittipaldi. (Coleção S.O.S. Natureza).
- T<sub>35</sub> PENTEADO, Maria Heloísa. (1980). **Lúcia Já-vou-indo**. 25 ed. São Paulo: Ática, 1998. 32 p. (Série Lagarta Pintada).
- T<sub>36</sub> PINTO, Frances Rodrigues. **A onça Valentina**. Belo Horizonte: FAPI, s/d. 12 p. Ilustração Márcio Luiz de Castro. (Coleção Francesinha).
- T<sub>37</sub> PINTO, Gersa Rodrigues. **Juju, a estrelinha preguiçosa**. Belo Horizonte: FAPI, s/d. 13 p. Ilustração Hugo Mattos da Silva. (Coleção Sonho e Fantasia).
- T<sub>38</sub> PINTO, Gersa Rodrigues. **Na terra dos gigantes**. Belo Horizonte: FAPI, s/d. 12 p. Ilustração Hugo Mattos da Silva. (Coleção Encanto e Ternura).
- T<sub>39</sub> PORTO, Cristina. **A pipa**. 3 ed. São Paulo: FTD, 1987. 22 p. Ilustração Tenê de Casa Branca. (Coleção Crie & Conte).
- T<sub>40</sub> RETTAMOZO, Luís Carlos Ajalla. (1985). **Nuvem menina**. Porto Alegre: L&PM, 1985. 23 p.
- T<sub>41</sub> RIOS, Rosana. **A aranha Arabela**. 2 ed. São Paulo: Scipione, s/d. 22 p. (Coleção Faz-de-Conta).
- T<sub>42</sub> ROCHA, Robson. **A formiguinha Ritinha**. Belo Horizonte: FAPI, s/d. 13 p. Ilustração Gerson Nelson. (Coleção Descobertas).
- T<sub>43</sub> SANTOS, Maicon dos. **Giba, o soldadinho**. Blumenau, SC: Edições Chocolate, s/d. 4 p. (Coleção Vida de Brinquedo).
- T<sub>44</sub> SILVEIRA, Susan Helena de Souza. **Nestor, o dragão**. s/l: BrasiLeitura, s/d. 8 p. Ilustração Belli Studio. (Coleção Amiguinhos Assustadores).
- T<sub>45</sub> VALE, Mario. **O macaco vermelho**. 3 ed. Belo Horizonte: Dimensão, 1992. 24 p.



- T<sub>46</sub> VALE, Mario. (1993). **Picote, o menino de papel**. 9 ed. Belo Horizonte: RHJ, 1999. 16 p.
- T<sub>47</sub> VIANA, Vivina de Assis. (1986). **Meu dente caiu!** 20 ed. Belo Horizonte: Lê, 1998. 16 p. Ilustração Míriam R. Costa Araújo. (Coleção Menino/Menina).
- T<sub>48</sub> WEISS, Mery. (1990). **João Albatroz**. São Paulo: FTD, 1990. 15 p. Ilustração Renato Canini. (Coleção Quem Quer um Amigo?).
- T<sub>49</sub> ZATZ, Lia. (1992). **Galileu leu**. 4 ed. Belo Horizonte: Lê, 1995. 28 p. Ilustração Fernando Lopes. (Coleção Confete).
- T<sub>50</sub> ZIRALDO. (1983). **O joelho Juvenal**. 25 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001. 26 p. (Coleção Corpim).